

Agora só Resta Lembrança

por Pedro Chaves

A discussão do "tira-não-tira" terminou. Os bondes perderam sua vez e estão saindo das ruas de Porto Alegre para dar lugar ao progresso e aos ônibus. A maioria vai virar sucata. Uns poucos vão servir como mini-igrejas, salas para escolas, bares e até mesmo para ornamentar jardins. Mas durante muito tempo os bondes emprestaram um toque diferente à paisagem da cidade. E muitos homens viveram suas vidas em função do bonde. Como é o caso de Eugênio Engel e Boleslau Mariano Stelczyk, que, somados seus tempos de serviço, prestram 114 anos de trabalho à Companhia Carris Porto Alegrense.

ELES TEM QUE SAIR

No dia 1.º de janeiro deste ano, Eugênio Engel se aposentou. Quando chegou a Carris em 26 de agosto de 1915, ele era aprendiz na oficina, ganhando 5 mil réis por dia. Eugênio foi galgando todos os postos dentro da oficina, até chegar a assistente do engenheiro. Mas, ele mesmo diz, nos últimos tempos estava funcionando como chefe das oficinas. Durante 54 anos trabalhou dentro da Carris e por isto acostumou-se com os bondes, tratando deles como se fossem velhos amigos. Remendando suas peças, na luta contra o desgaste.

Um dia Eugênio saiu da oficina com o carro 30. Um bonde recém reformado. Era uma volta de experiência, para ver se não havia algum defeito. Na Avenida Carlos Barbosa aconteceu. Eram 9h do dia 11 de março de 1918. O 30 descarrilou e caiu no arroio. Eugênio ficou preso embaixo do bonde. Só se lembra que acordou às 11 horas da noite, muito machucado, no hospital. Ele diz que "naquele dia nasci de novo".

Mas, apesar de todo o tempo que dedicou aos bondes, ele concorda com a substituição pelos ônibus: "Os carros já estão muito velhos, parulhentos, e os cabos aéreos estão sempre rebentando, fazendo com que os bondes parem e atrapalhem o trânsito". Mas a esposa de Eugênio não concorda, e enquanto ele vai pensando seu choro, ela diz, com um olhar triste, que "é um erro tirar os bondes de Porto Alegre".

VONTADE DE BALHAR

Boleslau Mariano Stelczyk tem 77 anos de

idade e 60 de serviços prestados à Carris. Com 17 anos, no dia 17 de novembro de 1910, entrou pela primeira vez na oficina da companhia, para consertar as carretilhas das alavancas dos bondes. Naquela época, ele lembra, estavam chegando a Porto Alegre os primeiros bondes elétricos. Antes todos eram puxados por quatro burros, e onde agora está o novo edifício da Carris, ficava o pátio onde eram colocados os "comboios", nome que o pessoal da companhia arrumou para os carros puxados pelos animais. Uma viagem naqueles bondes era até meio parecida com a das velhas carruagens do oeste americano. Isto porque, em diversos pontos da cidade, existiam postos para troca dos burros. Era o caso, por exemplo, dos postos da Rua Hoffmann, da Avenida Carlos Barbosa e da 24 de Outubro. Depois, estes carros foram sendo substituídos pelos elétricos. E Boleslau, além de cuidar dos bondes, ainda arrumava tempo para jogar futebol. Era zagueiro central do Esporte Clube Colombo, time de operários do bairro Floresta. E chegou a jogar uma partida no Internacional, mas não quis ficar.

Dentro da Carris ele trabalhou também na seção de eletricidade e como chefe do almoxarifado. Em 1954, foi aposentado, mas não conseguiu ficar parado e, em 1957, voltou para a companhia. Em 1961, ele conta, os aposentados que continuavam trabalhando receberam ordem de se retirar do serviço, mas ele não deu atenção e continuou trabalhando, até setembro de 1969, quando saiu definitivamente da Carris. Mas ele diz que esta não era a sua vontade e que, se pudesse, voltava a trabalhar, pois se considera ainda bem forte para isto.

Boleslau define sua opinião sobre a saída dos bondes. Acha que eles devem sair, porque são obsoletos. Principalmente porque estão muito velhos e o material necessário à sua manutenção, além de escasso, é muito caro. Mas acrescenta que eles farão falta. E quem vai sentir mais essa falta serão os estudantes que tinham nos bondes veículos de grande segurança.

A esposa de Boleslau, dona Elvira, concorda com ele e sabe que o marido está incomodado com a aposentadoria, apesar dos sessenta anos de trabalho na Carris. Ela aprendeu a conhecê-lo bem, nos 50 anos de casados, que vão completar no dia 17 de abril.



Boleslau



Eugênio